

Marietta Telles Machado

Hidrolândia, 25 set. 1934-28 fev. 1987

Para Antônio Machado Telles, seu irmão.

Marietta passa a infância e faz os estudos primários na cidade em que nasceu. Transferindo-se para Goiânia, cursa o ginásio interno no Colégio Santa Clara (“tipo aluna primeiro lugar”); depois, o clássico no Liceu de Goiânia. E sua veia literária já se manifesta nos jornais estudantis desse estabelecimento de ensino. Faz Direito e Letras Vernáculas na UFG e, como bibliotecária e seguidamente bolsista de várias instituições, viaja pelo Brasil e pelo mundo, fazendo cursos de especialização em Biblioteconomia, sua área favorita. Tanto que liderou movimento para a criação do referido curso (1980) na Federal, além de fundar a Biblioteca Central da UFG de que fora diretora (1973-1981). Também organizou ou reestruturou bibliotecas de várias faculdades, institutos e clubes. Finalmente, foi Secretária Municipal de Cultura de Goiânia, de 2 de janeiro de 1986 até a data de seu falecimento, em 28 de fevereiro de 1987.

Marietta filiou-se ao GEN (Grupo de Escritores Novos) na década de 1960 (1963-1967) e pertenceu à UBE-GO. Era polígrafa e policultural: predominantemente contista e cronista, mas também pesquisadora, memorialista, documentarista, ensaísta, poetisa, escritora de peça teatral, conferencista, produtora de cultura e conhecedora das artes em geral.

Consta de uma dezena de antologias de prosa e verso, é verbete em vários dicionários de literatura em Goiás e de fora do Estado, como no livro *Ensaístas brasileiras*, de Heloísa Buarque de Hollanda e Lúcia Nascimento Araújo, dentre outros. Foi tema de estudo para muitos escritores: Wendel Santos, Nelly Novaes Coelho, Nelly Alves de Almeida, Coelho Vaz, José Fernandes, Ana Maria Lisboa de Mello, Eliana Gabriel Alves e Luciano Melo de Paula. Esse último em curso de PósGraduação na UFG. Em vida, recebeu vários prêmios, troféus e homenagens. E, postumamente, tudo isso se multiplicou. São menções honrosas, placas, troféus, homenagens diversas e encontros “Marietta Telles”. Também patronatos de Academias de Letras, além de ter seu nome no pórtico de instituições culturais e de bibliotecas.

Em suas viagens pelo Brasil, passou pelo Rio de Janeiro, por Salvador, Recife e outras cidades importantes de Pernambuco. Percorreu Manaus, Belém, Rio Branco, São Luís do Maranhão; passou também por Fortaleza e praias de José de Alencar, por Teresina, dos rios Poti e Parnaíba, dentre outros rincões brasileiros. Deixou, no final

de várias crônicas ou depoimentos de viagem, o desejo de voltar àquele lugar; ou o coração picado “pelos caminhos de antecipada saudade.” Tenho a impressão de que, nessas viagens culturais ou para dedicação à Biblioteconomia, Marietta tomava nota de tudo o que via e ouvia, para depois transformar esses dados em crônicas de memórias ou de viagens. Em testemunho de seu tempo, como podemos perceber na terceira parte, “Viagens”, da *Coletânea* (publicação póstuma, 2000). Aliás, tal coletânea fora organizada pela própria autora, dois anos antes de sua morte, 1985, quase premonitoriamente. Ela agrupou textos, desde os da década de 1960, em três partes, deu-lhes título e fez o sumário que ficou aguardando o número das respectivas páginas.

Quanto às suas viagens para o exterior, conheceu algumas importantes cidades da Colômbia (América do Sul), como Medellín e Bogotá, com suas várias bibliotecas universitárias e públicas cujos acervos são imensos; vale citar a Biblioteca Luis Angel Arango, que abriga salas e salões nobres. É difícil compará-la com alguma do Brasil “pelo luxo e ambiente de conforto que oferece a seus frequentadores” (1969, obra citada acima). Marietta percorreu, também, algumas capitais do continente europeu. Tais como: Madri, Paris e Atenas dos deuses e monumentos de séculos a. C. Conheceu ainda os “dias brancos” de Londres e seus bêbados encolhidos em sua “trágica e branca miséria.” Encantou-se com a cidade de Windsor e com o castelo real do mesmo nome.

Nessas viagens e excursões, nada passava despercebido aos olhos de Marietta: praças, museus, bibliotecas, documentos históricos, objetos de arte, arquitetura local, bem como cultura, música e hábitos da região.

I

Na primeira parte de *Coletânea*, “Crônicas e outros escritos”, Marietta aborda assuntos diversos: Heloísa, a culta e amorosa da Idade Média. Isto é, o amor sublime e trágico entre ela e Abelardo, que retoma o mito de Eros e Tântatos; fala sobre os caprichos, a inteligência e o comportamento do homem, através dos tempos, dos manuscritos e dos livros; sobre a importância de um rio na vida de um povo, no nosso caso o Araguaia; faz apologia das árvores vivas e réquiem para as árvores mortas, em nome do progresso; também comenta a conquista de espaço da mulher contemporânea, sempre presente na cultura e na galeria da inteligência. Destaca o Colégio Santa Clara nesse contexto de educação e cultura da mulher goiana e faz uma homenagem ao seu querido Colégio, escrevendo uma crônica (1981), por ocasião dos sessenta anos de sua fundação (1921). Em “Notícias para a comadre” (título emprestado de C.D.A.), Marietta fala sobre a cobrança de taxa para estacionamento na Área Azul; sobre mudar o curso dos rios São Francisco e Tocantins, segundo projeto do Ministro Andreazza. E, nessa mesma crônica, de 1981, escreve para a comadre: “Todos sabemos que a atuação da bancada goiana na Câmara e no Senado - salvo as raras exceções- nunca foi das mais honrosas. Agora, o conterrâneo Anízio de Souza vem com projetos que fazem até a cúpula do partido do governo ficar rindo amarelo.” Nós goianos, tão perto do poder e sempre fora dele. Será por quê? Interroga ela e já sugere a resposta: Por

bobas e antidemocráticas ambições citadas “nos grandes jornais do Rio e São Paulo” - (jan. 1981). Comenta com a comadre sobre o menino Siron, que corre com botas de sete léguas na rota brilhante da glória. Considerado o melhor pintor de 1980, em São Paulo, pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Marietta escreve também sobre sua sede de poesia, na penúltima década do século XX, de tantas incertezas e ameaças, de tantos signos novos - industriais, eletrônicos, cibernéticos - “um desfile de implicações visuais.”

A poesia transfigurou-se. Precisamos de uma data específica para nos lembrar dela: 14 de março. Porém, afirma, muitas vezes o poema surge nos seres mais embrutecidos. Seu conceito (o da poesia) mudou com o homem através dos tempos, de Platão e Aristóteles até os grandes feitos científicos e digitais: “A terra é azul!” Tenho certeza de que, se Marietta não tivesse morrido tão cedo, teria comentado sobre a poesia da era digital, eletrônico-digital e tridimensional; teria escrito sobre a poesia reinventada, democratizada e compartilhada na internet. Falaria sobre a poesia na música de hoje e perguntaria: Há poesia no funk, no rap, axé baiano, pagode, reggae maranhense, ou no hip-hop de uma frase só?

Em uma de suas crônicas (1976), ela faz homenagem às grandes mulheres, através de Dona Gercina Borges Teixeira, “a mãe dos pobres” - mulher de Pedro Ludovico - que, ao lado do marido, enfrenta a velha oligarquia caiadista. Quando morre uma mulher assim, diz Marietta, é como se tombasse um grande monumento de Goiânia.

Escreveu também “Uma bandeja de muriçocas”, sobre as “rabecas do diabo” ou muriçocas que infestam Goiânia e provocam insônia. Então mulheres se levantam rumo à Prefeitura, exigindo providências contra esses perturbadores insetos (1981). Noutro texto, enaltece o latim desde seu estágio primitivo até sua fase áurea, a do latim clássico - em que brilham Virgílio, Horácio e Cícero - para depois entrar em decadência, com o desmoronamento do Império Romano. Fragmentou-se em línguas neolatinas, entre as quais o português, até chegar a essa geração monossilábica, sem palavras, cujos “resultados vexatórios dos exames vestibulares estão aí todos os anos fartamente divulgados pela imprensa” (1981). Finalizando “A eternidade de uma língua”, Marietta ressalta a importância de conhecimento do latim para entender a formação de nossas palavras, de nossa língua.

Ela foi paraninfa de uma turma (1984) e os assuntos de seu discurso estão atualíssimos (exceto sobre a inflação): menores perambulando pelas ruas, ensino decadente, cultura esquecida, conflitos por posse de terra, violência e subnutrição.

II

Na segunda parte de sua *Coletânea*, Marietta fala “De livros e de autores”. Comenta acerca do que é ser poeta em Goiás. Discute sobre a falta de amadurecimento dos autores e da pressa deles em publicar: “Há tantos poetas jovens como as areias do Araguaia.” Contrariamente aparece o livro de poemas *Sempre setembro* (1981), de Violeta Metran (1925-1996), primeira mulher de Bernardo Élis. Saiu maduro,

equilibrado, repleto de emoções vividas e sentidas em várias estações: “Num retângulo/ puxei o tempo/ e a persiana azulada,/ gasta se abriu./ Setembro se esparramou,/ meus olhos deliciaram-se/ com as jabuticabeiras em flor./ Ah! sabiás! quantos eram cantando./ Encontrei uma flor amarela/ esquecida pelo vento:/bem-mequer, mal-me-quer.../ Será?/ E a persiana fechou.”

De **Miguel Jorge** (1933) faz uma breve bibliografia e destaca o romance *Veias e vinhos*, perseguindo a originalidade, a renovação formal, “a prosa plena de poesia”, densa, dramática, uma tragédia humana universal. Daí o reconhecimento nacional de sua obra.

Para **Cora Coralina** compõe (1977- 1983) quase uma ode moderna, irregular e livre, em quatro partes (textos) e mais uma entrevista imaginária (s.d.). Um encômio, um brinde a essa mulher desassomburada, em sua casa “de raízes (tão) profundas, que nem o rio raivoso (...) conseguia arrastar.” Mulher atemporal, de agora, nem de ontem, nem de amanhã - apesar de ter dito vir do século passado. Despedaça dentro de si “tudo o que é velho e morto” em *Poemas dos becós de Goiás e estórias mais* e em *Meu livro de cordel*.

Cora também esteve no “I Festival Nacional de Mulheres nas Artes”, de 3 a 12 de setembro de 1982, em São Paulo e, quando entrou no recinto, arrastou aplausos da seleta plateia e de profissionais da mídia. Aplaudida de pé. Marietta disse ter, nessa hora, um tremendo orgulho de ser goiana e amiga dessa extraordinária mulher - que ali fora homenageada, juntamente com outras, como Zulu Angel, Pagu, Leila Diniz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cacilda Becker, dentre outras.

Com mãos trêmulas e emocionadas, foi ao palco e declamou “As mãos” - a “poesia jorrando”, diz Marietta, que também participou do Festival. Cora declamou vários poemas. Dispôs-se a responder perguntas, até as indiscretas. Depois dela, os poemas de outras poetisas perderam a graça. Ao final da sessão solene, Coralina foi cercada pela multidão. Todos queriam cumprimentá-la, tocá-la, abraçá-la. Muitos jovens choraram diante da “pessoa mais importante de Goiás”, segundo Carlos Drummond de Andrade.

Da entrevista imaginária de Marietta Telles Machado com Cora transcrevo, aqui, abreviadamente, algumas perguntas e respostas:

_ O começo?

_ Eu, pedrinha rejeitada, ajuntei todas as pedras que jogaram contra mim e construí uma escada muito alta e no alto subi. E no sonho me perdi.

_ Quando criança, você leu o quê?

_ *Estórias da Carochinha*, em papel barato, branco e preto. Mas meu maior livro sempre foi o dicionário.

_ E a morte?

_ Não morrerei totalmente. Estarei nas páginas de um livro, na planta que (re)nasce nas frinchas das pedras.

Cora Coralina (1889-1985) ficou 45 anos fora e, quando voltou de São Paulo, distribuiu seu folheto “O cântico da volta” (1956) e foi recebida com entusiasmo pela

intelectualidade goiana. Animou-se com o GEN (1963-1967), pois era uma eterna jovem, progressista e renovadora. De uma franqueza que doía. Malcriada diante de perguntas imbecis. Não tolerava burrice nem mediocridade. Também não gostava de ser contrariada.

Marietta ajudou Cora, em 1983, a rever e organizar a nova edição de *Vintém de cobre*, em Goiânia. Dando títulos, dividindo o livro em partes, fazendo o sumário. Foi publicado pela UFG.

Quando eu morei em Curitiba por quase quatro anos, na década de 1980, frequentei museus, livrarias, bibliotecas e as casas de cultura mais importantes da cidade. Numa dessas andanças pelo centro histórico, acima da Casa Romário Martins, talvez no Largo da Ordem, entrei em um sobrado antigo, onde havia salas de leitura e ambiente com livros infantis esparramados sobre as mesas e por toda parte. E qual (não) foi a minha surpresa ao ver ali expostos vários livros infantojuvenis da autora Marietta? Parece-me que *Encontros com Romãozinho* (1976), *O congresso das bruxas* (1978), *O burrinho do presépio* (1983) e *A traição nas terrinhas do coelho* (1984). Também, com orgulho goiano e a admiração da bibliotecária, folheei *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1980) e *Vintém de cobre* (1983), de Cora Coralina, doceira e poetisa, que estava no auge da mídia nacional. Esse último citado continha comentários de orelha feitos por Marietta Telles Machado.

Nessa segunda parte da *Coletânea*, “De livros e autores”, a autora fala, ainda, sobre **Bariani Ortêncio** (1923). Declara ser ele um trabalhador cultural incansável e constante. Aborda suas obras, passando por *O que foi pelo sertão* (contos, 1956), atravessando os gêneros gastronômico e policial, até chegar à 1ª edição do *Dicionário do Brasil Central*, que ainda estava no prelo (1982). Saiu no ano seguinte pela Ática, com mais de 15.000 verbetes e trinta anos de pesquisa. Marietta ressalta o grande conhecimento do autor sobre nossa terra, sobre nossos hábitos e costumes, nossa maneira de falar. Um “pintor do sertão”, diz ela - no 25º ano da entrada oficial de Bariani na literatura.

Faz um louvor a **Eli Brasiliense** (1915-1998), começando com *Pium* (1949), romance que narra a vida na região do garimpo. Depois veio *Bom Jesus do Pontal* (1954), relatando a destruição desse lugarejo pelos índios e o início de Porto Nacional. Em *Chão vermelho* (1956), Goiânia é a personagem. O romance fala sobre a construção dessa cidade. Marietta comenta, ainda, cerca de cinco publicações desse autor, incluindo-se obras de cunho filosófico, até chegar a *Uma sombra no fundo do rio* (1977), romance lançado pela José Olympio “e aplaudido pela crítica nacional.” No balanço da autora em estudo, Eli Brasiliense publicou seis romances, um livro de contos (*Irmão da noite*, 1968) e dois de caráter filosófico. As obras de Eli fazem “referências históricas valiosas sobre o norte goiano”, embebidas no seu regionalismo intelectualista, mas com linguagem adequada ao meio cultural em que vivem os personagens.

“En passant”, lembrou-se de **Jurema Di Guimarães** (1913-1980) na famosa coluna “Di binóculo”, de longa data publicada em *O popular*. Marietta sugere-lhe um livro de crônicas; já está passando da hora. E, antes que ela revisitasse uma crônica que lhe escrevera na década de 1960 (“Um candidato a imortal e seus binoculados”), veio a notícia de sua morte (dele) súbita.

Jurema, uma respeitada pena, inteligente e espirituosa, chegada da velha Goiás, teve suas crônicas extraviadas (desaparecidas?) do arquivo de Marietta. Bem que ela as procurou com afinco, mas não as encontrou. “São as andanças, as mudanças, as idas e vindas da vida.”

Nessas andanças planejou um encontro nos pampas com **Érico Veríssimo** (1905-1975). Deparou-se com uma casa sempre aberta e acolhedora para aqueles que desejassem conhecer seu ilustre e valente morador. Diz Marietta que, fisicamente, quando o próprio morador lhe abriu a porta, surpreendeu-se com um homem magro, de mediana estatura. Tão diferente do tamanho de seus heróis e de sua coragem para enfrentar desafios de pessoas atrevidas.

A casa é bem movimentada. O telefone não para: estudantes locais, repórter do Nordeste. Visitas as mais variadas. Além de Marietta, chegaram dois jovens da cinematização. Um deles, o diretor, é português; o outro é ator. Estão interessados em filmar *Incidente em Antares* (1971) e falam muito, prejudicando a goiana cujo objetivo era ouvir o autor gaúcho sobre sua obra e experiência criativa. Três horas depois Marietta, timidamente, interrompe a conversa e consegue que Veríssimo lhe autografe *Solo de clarineta* (1973, 1º vol.) cuja leitura ela já havia iniciado. Trata-se de suas memórias de Cruz Alta, em dois volumes: o primeiro volume vai da infância do autor até 1950, fechando com o noivado de sua filha Clarissa; o segundo volume (1976) vai do casamento de Clarissa, passando por viagens do autor aos Estados Unidos, à Europa... Ficou inacabado e foi concluído postumamente por Flávio Loureiro Chaves.

Monteiro Lobato (1882-1948). Aqui Marietta apresenta um autor muito adiante de seu tempo. Autêntico revolucionário, inovador na forma e no conteúdo. Porém independente das “escolas literárias” com seus “ismos”, vindos da Europa. Seu livro de contos *Urupês* (1918) traz uma narrativa que dá nome à obra e nela a caricatura do caipira caboclo brasileiro da época, o Jeca Tatu. Personagem símbolo do roceiro pobre, doente, atrasado, preguiçoso, “de cócoras, incapaz de evolução (...), bonito no romance e feio na realidade”; com a aparência de sonso e que tem horror a sapatos e hábitos de higiene do povo da cidade... “uma praga nacional” abandonada pelo poder público. E à espera da “benemerência da mandioca”. Se a intenção do autor era provocar debate e polêmica, seu objetivo foi alcançado, diz Marietta Telles. E Lobato está na mídia até hoje.

Nessa época, no Brasil, não havia editoras, nem oficinas tipográficas. Os livros eram impressos na França (Paris) e em Portugal (Lisboa), salvo a Casa Alves, que publicava obras didáticas e, ocasionalmente, a obra de um *medalhão* da

ABL. Lobato importou máquinas e passou a imprimir seus próprios livros e a estimular os moços a desengavetar seus originais. Espalhou livros de norte a sul do país. Porém sua empresa faliu, devido ao nosso crônico subdesenvolvimento cultural, declara Marietta.

Raquel de Queirós comenta que sua veia para escritor infantil já dá sinais no conto “Tragédia de um capão de pintos”, em *Cidades mortas* (1919). Antes de Lobato, o precursor da literatura infantil no Brasil, nossas crianças - as da elite - liam, as outras ouviam histórias europeias, traduzidas em Portugal. Então surge o milagre da *menina do narizinho arrebitado* (1920), pondo em perfeita sintonia o real com o maravilhoso.

Mais tarde, o autor de *Reinações de Narizinho* (1931) mostra suas inovações na fala dos personagens. Narizinho pergunta a Dona Carochinha por que Pequeno Polegar fugiu das páginas de seu livro, ao que ela responde: Não sei (...) mas penso que meus personagens estão entediados. Querem novidade!

O *Sítio do pica-pau amarelo* é obra didática, deve ter explicações lógicas, mas o maravilhoso pode aparecer no sonho de Narizinho ou em um Peter Pan invisível. Porque o mundo das maravilhas está em toda parte. Depende da imaginação de cada um. Basta o pó de Pirlimpimpim ou fechar os olhos com força para sair do real e entrar em “estado de graça” (*Coletânea*, p. 224). Marietta aborda também o problema do preconceito racial, de cor, em Monteiro Lobato, nesse texto de 28 de março de 1982. Mas sugere situar a obra de Lobato no universo do autor e de acordo com suas convicções e honestidade. Sem hipocrisia e escamoteações. Hoje, em tempo de “afro-descendentes”, “cotas”, patrulhamento ideológico e linguístico, Pedrinho dizer que não sabe se tia Nastácia virá ao espetáculo, porque tem vergonha de aparecer, por ser preta, seria um horror. E, quando Narizinho diz, ao apresentá-la aos convidados: “... apresento a princesa Nastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel, na barriga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loira.” Não é um “maravilhoso” preconceito? E que dizer da irreverente boneca Emília, quando escreve suas memórias sobre tia Nastácia? “Só não compreendo por que Deus fez uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão.”

Talvez Lobato tenha usado esse recurso sarcástico com a intenção de provocar polêmica ou de denunciar esse tema tabu. A própria Nastácia demonstrava que a cor não afasta, a dimensão humana é que aproxima.

Na vida real, parece que o autor não exibia tal preconceito: uma de suas filhas, Martha Lobato Campos, testemunhou a chegada de um jovem negro, aspirante a escritor, em sua casa (dele). Lobato convidou-o para jantar e o moço sentou-se à mesa com a família (revista *Manchete*, RJ, 27 mar. 1982).

O criador de Jeca Tatu puxou fila, não imitou ninguém, foi autêntico, ele mesmo: *Núcleo de cometa, não cauda* (Carta a Godofredo Rangel, 1904).

Em abril de 1975, Marietta comenta *Do olhar e do querer* (1974), o primeiro livro de **Maria Helena Chein** (1942). São quatorze contos extraídos do cotidiano, das dores e glórias de cada dia. Aborda o tema da libertação da mulher no conto “Amanhã depois das 8”; e no conto “Que dor meu filho” fala do abandono em que vivem os desafortunados, através de uma mãe que peregrina pelos postos de saúde e de hospital em hospital, à procura de seu filho, até descobrir que ele teria morrido como indigente. No conto “De como uma mulher burguesa (?) teve sua noite triste”, a palavra burguesa seguida de interrogação sugere dúvida e Marietta pergunta: Seria uma falsa burguesa? Seria a noite de Réveillon de uma mulher sofisticada, com a mesa posta, família em torno e marido e pai que nunca chega? E o esforço para manter as aparências de lar feliz crescendo na mesma intensidade da dor da espera.

“Do cotidiano” foge do realismo amargo, triste e de revolta, constante nessa obra de estreia. Apesar “do cotidiano” de uma mãe que limpa xixi, “o lirismo se sobrepõe ao realismo doloroso”, afirma Marieta Telles. Há um homem que essa mãe ama; é seu rei e seu sol constante.

Com “*Do olhar e do querer*”, Chein veio para ficar e enriquecer ainda mais a prosa e a cultura de Goiás.

Guimarães Rosa (1908-1967) morreu depois das emoções de posse na ABL. Reservado que era, adiou a cerimônia por quatro anos, ainda assim sucumbiu ao fardão. Sua premonição se cumpriu: *se tomar posse, morrerei*. Marietta declara ser apenas iniciada na obra de Guimarães Rosa. Entretanto percebeu a alegria das coisas amanhecidas, o baque do diálogo, o refluxo do monólogo e a filosofia matreira dos primitivos em suas narrativas. Seria Guimarães Rosa um místico, um vidente? Marietta comenta que suas obras costumavam “baixar” de várias maneiras: “Buriti” (*Noites do Sertão*, 1956) veio repetido em sonho por duas noites (1948); “Conversa de bois” (Sagarana, 1946) Rosa diz recebê-la no amanhecer de um sábado; “A terceira margem do rio” (*Primeiras histórias*, 1962) veio pronta, na rua. O autor a compara com uma bola vinda ao gol, bastou pegá-la: “eu o goleiro”. “Campo Geral”, romance publicado inicialmente em *Corpo de baile* (1956) e que posteriormente aparece em *Miguelzão e Miguilim*, 1964, caiu na máquina como grãos, quando Rosa pensava em como começar a narrativa. Até aquele momento ele só sabia “o miolo”: um menino morador à borda da mata e duas ou três caçadas de tamanduás e tatus. *Grande sertão: veredas* (1956), sua obra-prima, é coisa comprida demais, que pareceu ditada mediunicamente e sustentada “por forças ou correntes muito estranhas.” A narrativa de Riobaldo, jagunço inteligente, mistura vida pretérita com acontecimentos presentes, indo e vindo, diante de um possível interlocutor.

Guimarães Rosa é um escritor muito estudado e discutido pelos aspectos linguísticos e inovadores. Seu mundo de faz de conta é muito lírico, rico de fabulação e de humanidade, afirma a autora póstuma de *Coletânea*. E conclui: “Ele não morreu. Ficou encantado.”

Em um texto de 1968, Marietta Telles fala do Naturalismo, destacando, no Brasil, **Aluísio Azevedo** (1857-1913) e sua vasta obra. Diz que ele escrevia para viver; por isso produziu, no todo, narrativas desiguais e heterogêneas. Em 1895, abandonou definitivamente a literatura e ingressou na carreira diplomática. Serviu em Portugal, na Espanha, na Itália, no Japão, na Inglaterra e na Argentina, onde faleceu (1913).

O *Mulato* (1881) marca o início do Naturalismo no Brasil: amor pela natureza, entusiasmo pelo corpo, materialismo, determinismo, etc. Nesse romance a força narrativa está no personagem mulato (romance de personagem), discriminado e sofrido, chamado Raimundo. O autor se inspirou em duas pessoas da vida real para criar o protagonista: no poeta mulato Gonçalves Dias, vítima de preconceito de cor, ao ser impedido de se casar com Ana Amélia, e em Celso Magalhães, pioneiro do estudo folclórico no Brasil. Mas, de certa forma, as grandes personagens da narrativa são a própria sociedade maranhense, a escravidão e a tortura, naquele meio provinciano.

Raimundo ficou órfão de pai aos cinco anos e acabou sendo mandado para um colégio em Lisboa. Lá sofreu bullying. Pois ninguém se chamava Raimundo. E os colegas: Ô Raimundo, Mundico, Nico, quem é seu pai, quem é sua mãe? Algum índio já lhe deu flechada? Tem mulheres peladas nas ruas? Me conta, Mundico. Não havia resposta, porque Raimundo não sabia nada sobre sua origem.

A obra narrada na terceira pessoa do singular causou grande impacto na sociedade maranhense e na campanha abolicionista do final do Império. Porém o autor continuou com seus romances sociais, passíveis de explicações deterministas.

Casa de pensão (1884) afirma Marietta ser o mais equilibrado de seus livros, pois nele busca atingir todos os postulados naturalistas: histerias femininas que o casamento há de curar, ambiente social ou momento histórico, determinismo e fatalismo causados por hereditariedade (O reumatismo de Amâncio, porque fora amamentado por uma negra reumática e de fraco caráter). Acrescente-se, ainda, a náusea naturalista provocada pela descrição do tísico agonizante, etc. A ou o personagem naturalista age por instinto, como bicho, desconhecendo normas morais de conduta. Há falta de amor ao próximo, muita exploração dos menos favorecidos e, finalmente, o assassinato (cometido por João Coqueiro) do protagonista Amâncio Vasconcelos, libertino estudante de medicina. Essa narrativa tem como fonte inspiradora “A questão Capistrano”, fato real, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1876. Um caso de polícia entre dois amigos: João Capistrano da Cunha e Antônio Alexandre Pereira. Esse último assassinou o primeiro, para vingar a honra da irmã Júlia Pereira. O crime foi manchete nos jornais cariocas e aproveitado oito anos depois em *Casa de pensão*.

Esse romance (intermediário entre romance de personagem e romance de espaço) é um ensaio para a defesa de tese do Naturalismo, que virá com bastante força na obra a seguir.

O cortiço (1890) deu lugar garantido e definitivo para Aluísio Azevedo na literatura brasileira. Aqui o autor saiu da abordagem individual do personagem Raimundo, o mulato, para um grupo social mais amplo, *o cortiço*, romance de espaço. A linguagem dessa narrativa se aproxima da teatral, ao expor episódios dessa habitação coletiva com noventa e cinco casas ocupadas por párias da sociedade, miseráveis e promíscuos de todas as espécies. A obra abarca o drama social de negros, brancos pobres; fala das paixões incontroláveis, de portugueses enriquecidos e de brasileiros endinheirados. O autor foi fiel à realidade carioca da época, explicando-a, conforme as influências do meio e da hereditariedade. Nesse cenário (favela) desfilam dezenas de personagens: Romão, Miranda, Rita Baiana, Firmo, Jerônimo, Bertoleza... Porém o maior de todos é o próprio cortiço, o conjunto, cujos habitantes são vistos de fora por suas ações e com pouca densidade psicológica, exceto na cena em que os dois rivais (Romão x Miranda) se enfrentam e o autor “demonstra conhecimento da psicologia de massas”, observa Marietta Telles.

No comentário sobre **Alberto de Oliveira** (1857-1937), o “Príncipe dos poetas” na vaga de Olavo Bilac, a autora póstuma de *Coletânea* confessa, inicialmente, que se curava das dores do espírito lendo poesia, sentindo e vivendo versos, como se o poeta poetasse para ela. Afirma que a poesia é a rainha das artes: tem música, esculpe e pinta emoções. Com esse sentimento, começou a ler as (quatro) séries de poesias do parnasiano de primeira linha, Alberto de Oliveira; melhor dizendo, começou a ler *Poesias* desse príncipe da “arte pela arte”, seleção de Geir Campos (1959). Identificou-se com o autor, através do amor à natureza, às matas cheias de vida, à terra com seus frutos e encantos; amor aos rios, palmeiras, árvores; amor ao sol, ao vento, aos passarinhos e à delicadeza de uma flor – temas eternos e inesgotáveis.

Alberto de Oliveira soube cultivar a forma do verso, a métrica rígida, o rebuscamento, “a arte pela arte”. Principalmente depois que abandonou os assuntos da Antiguidade Clássica, da primeira fase, que tinham como temática divindades gregas, alusão à mitologia e lendas. Ele viveu em época de grandes acontecimentos: abolição da escravatura, proclamação da República, revoluções, afora a Primeira Guerra Mundial. Porém nada disso teve reflexo em sua obra. Instalou-e nas alturas, nas belezas eternas, com suas oportunas aliterações (t, tr,rr), poetando exotismos e vasos com flores de sutis lavrados, à margem dos acontecimentos históricos, como o mais perfeito dos parnasianos.

Marietta Telles deixou, ainda, ligeiro comentário (s.d.) sobre a vasta obra do russo Fiedor Mikhailovitch **Dostoiévski** (1821-1881). Ela percebe que desde *Gente pobre* (1846) esse autor, então com 25 anos, mostra imenso dó pelos

humildes e pelas misérias humanas e, depois que foi preso na Sibéria por quatro ou cinco anos, a dura realidade vivida fez surgir nele, com mais força, a “consciência fragmentada” e polifônica – expressa nas obras seguintes. *Gente pobre* é um romance epistolar muito em moda na época. Expõe a troca de correspondência entre um funcionário de meia idade e uma jovem costureira, sua vizinha, dando notícias diárias de suas misérias.

Marietta não menciona *Memórias da casa dos mortos* (1862), mas refere-se à prisão de seu autor na Sibéria, como foi dito acima. Essa obra vale mais pelo tema do que pela história ou narrativa sobre a vida nas prisões. Os ex-forçados a trabalhos eram proibidos de escrever memórias, fazer relatos. Então, Dostoiévski disfarçou a realidade, levando preso o assassino da esposa, em cena de ciúmes. Mesmo assim, na época, muitos confundiram o protagonista Aliexandr Pietróvitch com o autor, pelos registros e lembranças detalhadas da vida no cárcere.

Na prisão aconteceu a “regeneração” de Dostoiévski. Ali, teve o primeiro contato com o povo diferente da “aristocracia latifundiária”, cheia de culpa por viver inutilmente, à custa dos servos. Ele passou a dar ênfase à liberdade, integridade e percebeu que intelectuais não devem impor seus ideais políticos sobre a sociedade. Só não deixou de fazer dívidas, jogar, tomar dinheiro emprestado, inspirando personagens, como a velha Alena, usurária assassinada em *Crime e castigo* por Raskolnikov, o miserável homicida devedor. Ele mata a anciã, partindo-lhe o crânio com um machado, para roubar-lhe, e também a irmã dela, que aparecera de repente e seria testemunha. Levou algumas jóias, relógio, porém não soube o que fazer com os objetos roubados. Finalmente os enterra em um pátio e coloca uma pedra sobre. Com esse crime imaginava poupar sua família de sacrificar-se economicamente por ele. Raskolnikov idealizou e realizou esse assassinato porque se julgava um “gênio napoleônico”, um superhomem, extraordinário, acima das leis e da moral do Evangelho. Porém é aí que seu calvário começa, entre racional e religioso. Sua consciência o acusa diante da mais banal situação. Imagina que todos os dedos estão apontados para ele, acusando-o, prendendo-o, levando-o à forca. Foge da mãe, da irmã e dos amigos. Torna-se introspectivo e solitário, com suas ideias revolucionárias. Raskolnikov tinha chegado à conclusão de que os homens se dividem em duas categorias: os ordinários que obedecem à ordem, às leis – são pessoas comuns, conservadoras, submissas, preocupadas com o presente; e os extraordinários que se julgam acima da ordem, das leis; estão acima da moral cristã, do bem e do mal, como todos os grandes homens que pensam no futuro. Mas a liberdade soberana implica consequência e responsabilidade. E há uma consciência no meio. Intimação da polícia, perguntas do inteligente investigador Porfiri, medo, culpa, depressão, doença, horror. O ex-estudante de Direito pensa em suicídio e expulsa as visitas do quarto em que vive confinado. Por isso, quando a justiça condenou um inocente pintor, Raskolnikov, finalmente, confessa a autoria do crime à polícia, sob o peso da culpa e influência de Sônia. Aquela que vendia o corpo, filha do alcoólatra Marmeladov. E que soubera das mortes pela própria boca do assassino. Então ela

Ihe aponta o caminho do arrependimento e do Evangelho. (Sônia em russo significa “sabedoria”, talvez por isso o autor Ihe tenha dado esse nome). Então o criminoso é condenado a oito anos de trabalhos forçados na Sibéria. Porém o amor e a fé católica ortodoxa redimirão ambos de toda culpa e pecado.

Em um de seus devaneios Raskolnikov sente, bem perto dele, a presença de Sônia, que o acompanhava há algum tempo e cuidava de sua correspondência no presídio. Ele sempre a tratou com descaso, indiferença ou grosseria. Porém, agora, olhos dentro dos olhos dela e lágrimas rolam no rosto de ambos. O Evangelho sobre a ressurreição de Lázaro (São João, 11) está embaixo do travesseiro. Seria preciso lê-lo, sem mais procrastinação, pensa o condenado, apesar de ser cético e de se aborrecer com a catequese da companheira.

Sônia nunca desistira de Raskolnikov. Vai visitá-lo no “campo” regularmente, na expectativa de que um dia ele se sinta totalmente renovado pelo amor. E esse dia parece ter chegado, o milagre se insinua nessa visita: percebe-se o brilho, a aurora de um renascimento completo, a salvação e purificação através desse amor – conclui Marietta. Mas faltam sete anos de prisão! Ah!... São quase como sete dias.

Sônia, como uma Pietà, sustenta o “herói” ajoelhado diante dela, a beijar-lhe os pés, após descida (temporária?) da cruz de suas culpas, e ouve dele: “Não foi diante de ti que me curvei, mas diante de todo o sofrimento humano” (Quarta Parte, cap. 4, São Paulo: Martin Claret, 2002. p.328). E a partir desse instante Raskolnikov passa a tratar Sônia na 2ª pessoa do singular. (N. da T.)

Assim, finalizo esse estudo sobre o imenso legado profissional e cultural que Marietta Telles Machado nos deixou. Merecidamente recebeu homenagens e reconhecimento de todos os tipos em vida e os continua recebendo postumamente. Há bibliotecas, instituições culturais em Goiânia e no interior, patronato em academias de letras, troféus e muito mais, levando seu nome.

Goiânia, 28 de agosto de 2012.

Saiba mais: Entrevista com

Ercília Macedo-Eckel, no [YouTube](#).